

O PROBLEMA DO SIGNIFICADO LINGÜÍSTICO E O MATERIALISMO DIALÉTICO¹

Elena Godoy*

O conceito do signo lingüístico, apesar de uma longa tradição na lingüística soviética, levou muito tempo para encontrar um lugar dentro da teoria do conhecimento da filosofia marxista. A epistemologia marxista, como se sabe, parte do princípio da primazia do mundo objetivo, sendo o pensamento, o conhecimento e a consciência os elementos de segunda ordem. O conhecimento é um reflexo da realidade objetiva. Mais ainda. A realidade não só determina o conteúdo do pensamento, mas funciona também como sua fonte no aspecto ontológico.

Na opinião de alguns filósofos marxistas, a idéia de que a língua é um sistema de signos contraria a idéia fundamental da abordagem materialista da linguagem, de acordo com a qual os significados lingüísticos são *reflexos* dos objetos e fenômenos da realidade. E se o significado é o reflexo das coisas da realidade, então, é impossível conceber a palavra como um signo, porque a palavra inclui o significado como sua parte integrante.

*Universidade Federal do Paraná

¹ Este trabalho foi apresentado no II Encontro Internacional da Filosofia da Linguagem, UNICAMP, 5-8 de agosto de 1991.

Assim, por exemplo, diz L. O. Reznikov:

A afirmação de que a língua é a realidade do pensamento e a afirmação de que a língua é apenas o sistema de signos, do ponto de vista do materialismo coerente, são incompatíveis. A teoria semiótica da língua se baseia ou na exclusão do significado como componente da palavra e na redução da palavra apenas aos sons, ou na negação do reflexo do objeto no significado da palavra. Em ambos os casos surge um abismo entre a língua e a realidade objetiva que inevitavelmente leva ao agnoscicismo (Reznikov, 1963, p.444).

A.G.Volkov o apóia: O próprio fato de o significado entrar na classe dos fenômenos mentais, do "ideal", do pensamento (conceito - na lógica, representação e imagem - na psicologia), que têm uma natureza e uma estrutura específicas, é um argumento a favor da natureza extralingüística do significado (Volkov, 1966, p.70). B.I.

Vostokov continua este pensamento: Se analisarmos a palavra como composta de dois elementos - o complexo material sonoro e o significado ideal, - então, sendo a palavra um componente da língua e tendo, portanto, a mesma natureza que a língua tem teremos que analisar a língua da mesma maneira, e então seu elemento ideal não será mais o conceito ou alguma imagem ideal, mas o pensamento como um todo, no sentido de um sistema instável e fluido de conceitos. Em outras palavras, resultará que o pensamento é uma parte da língua, e a língua inclui o pensamento como seu componente. Ora, se a língua inclui o pensamento como seu componente, como podemos dizer que a língua seja, digamos o meio de expressão do pensamento? (Vostokov, 1969; 117).

Assim, foi apresentada a idéia de que o significado lingüístico *não* faz parte do sistema da língua, visto que o significado, sendo *ideal*, pertence à consciência humana. Portanto, o significado deve ser uma categoria extralingüística. (De passagem, fica que o signo não é mais signo por não incluir o significado).

Lembremos que um dos postulados do materialismo dialético reza que a língua e o pensamento não são a mesma coisa, mas representam a unidade dos contrários: o pensamento é o reflexo da realidade, dos seus *traços essenciais e gerais*, e a língua é o meio de expressar, de *cristalizar* o pensamento. Assim, a relação entre a língua e a realidade é indireta, mediada pelo pensamento. (Cf. Vygotsky)

Neste sentido, mesmo supondo que o significado lexical e o conceito sejam equivalentes, a língua não se identifica com o pensamento, visto que

os significados das palavras ainda não são o pensamento, mas tão somente os meios de realizá-lo. A semântica lexical pertence à língua e o pensamento acontece na base da ação da língua (que inclui a semântica lexical).

A concepção do significado como uma *relação* também enfrenta objeções por parte de muitos filósofos marxistas (embora seja aceita por alguns). Nesta concepção, por significado se entende a relação que existe na mente humana entre o signo e aquilo de que o signo é signo. Na base desta concepção, se consegue uma definição do significado através das entidades mais confusas que são as relações. O materialismo dialético moderno admite que esta concepção revela as condições da significação linguística, mas critica a existência da identificação do significado com estas condições.

K.Marx estabelecia a independência da realidade objetiva da consciência humana, afirmando, pelo contrário, que a consciência é dependente do mundo e enfatizando a dialética do objetivo e subjetivo no conhecimento. Para Marx, os objetos do mundo não interessam ao homem por si, mas apenas de um determinado ponto de vista e com determinados objetivos (concretos) direcionados para satisfazer alguma necessidade. Entretanto, tal posição é diferente da do pragmatismo filosófico que estabelece uma dependência direta dos objetos da atividade prática do sujeito, tirando com isto o "conteúdo objetivo das coisas" (e caindo assim no mais "desvairado idealismo" sempre combatido pelo materialismo dialético). Além disso, dentro do pragmatismo, a prática humana é a prática de um indivíduo e, com isto, o mundo do indivíduo se torna um mundo subjetivo.

Assim, mantendo-se o pensamento de Marx, o significado linguístico só pode ser analisado dentro do contexto da atividade humana: como meio de sua organização e como produto desta atividade. Os significados devem ser vistos como objetos que mantêm ao mesmo tempo a determinação da consciência pela realidade e a "subjetividade" (ou seja, a apropriação pelo sujeito) da própria realidade. Šmelev, por exemplo, define o significado como "unidade que representa para a mente a coordenação das condições objetais e da composição operacional da atividade, coordenação esta que regula a atividade com determinados objetivos e motivações" (Šmelev, 1983, p. 28). Com isto, o significado é tratado como uma unidade tripla que inclui o *conteúdo referencial* (vinculado ao aspecto objetual da atividade), o *conteúdo operacional* (aspecto operacional da atividade) e o *conteúdo afetivo-motivacional* (reações e sentimentos afetivos). Então, os componentes do significado são: imagens / representações de objetos, necessidades e ações.

Neste sentido, embora a língua sirva para representar a realidade, sua

função não se reduz a isso, ou seja, o materialismo dialético nega a existência de uma correspondência entre os componentes do mundo e as estruturas lingüísticas (do tipo do "Tratado" de Wittgenstein).

Os significados lexicais podem ser entendidos (pelo menos em parte) como representações de objetos (no sentido extensional). Mas os significados lexicais são *reflexos* só no sentido de participarem no *reflexo* da realidade através do pensamento, podendo este se realizar no mínimo como uma proposição. Desta maneira, mesmo sendo o significado lexical um conceito (i.e., ideal), ou algo próximo do conceito, a língua não se identifica com o pensamento porque os significados lexicais ainda não são o pensamento mas apenas os meios de realizá-lo, são os *participantes* do reflexo da realidade pelo pensamento e se relacionam com esta realidade apenas através da proposição, ou seja, através do pensamento. O pensamento, então, acontece na base da ação da língua que inclui a semântica lexical. Esta solução fica de acordo com os postulados do materialismo dialético e coloca o problema do significado dentro do contexto da atividade humana. Ou seja, os significados servem de instrumento para refletir a realidade através da atividade humana, como também de instrumento de atividade através do reflexo da realidade. Desta maneira, o significado deve ser estudado dentro do contexto da atividade humana: por um lado, como meio de sua organização, e por outro lado, como produto desta atividade.

Em outras palavras, para o materialismo dialético, os significados são objetos que expressam ao mesmo tempo a determinação da consciência pela realidade e a *subjetividade* da realidade e que refletem (e transformam) a realidade através da atividade humana. Assim, a filosofia marxista procura o significado lingüístico na inter-relação e na interação entre a representação do mundo real pelo pensamento e a atividade humana que transforma este mundo.

A determinação da linguagem pela atividade tem dois lados:

1) a atividade determina o conteúdo e os meios da comunicação (o conteúdo da comunicação é a atividade conjunta dos interlocutores, e a seleção dos signos lingüísticos e a construção dos enunciados correspondem aos objetivos da organização da interação; 2) realizando as atividades, o homem constrói - para si próprio - o mundo dos objetos ideais, a presença dos quais nos interlocutores é o pressuposto principal da comunicação através de signos. Esta comunicação só é possível quando do mundo dos objetos ideais é comum para os interlocutores. Assim, o problema da formação, através da atividade, do pressuposto principal da comunicação se transforma no problema da formação, através da atividade, do mundo dos objetos ideais.

A interpretação do conceito do ideal na filosofia marxista é intimamente relacionada com as idéias de Marx sobre o papel do trabalho na formação das imagens ideais dos objetos reais: os objetos são acessíveis à observação e, conseqüentemente, a formação de suas imagens ideais é possível apenas através da atividade, porque é o trabalho que media a percepção do objeto pelo homem.

E. Ilienkov, desenvolvendo o conceito marxista do ideal, afirma: "O ideal existe imediatamente apenas como forma (meio) da atividade do homem social (i.e., o ser perfeitamente objetivo, material) direcionada para o mundo exterior."

Todas as características puramente objetivas da matéria são dadas através daquela imagem que a matéria adquiriu durante a atividade do homem social e como resultado desta atividade. É por isso que o quadro objetivo do mundo não se revela ao homem pela contemplação mas tão somente através da atividade do homem e da sociedade (Ilienkov, 1984, p.168-69).

Sendo assim, a abordagem do problema do significado proposta pelo materialismo dialético é a abordagem *funcional*: é o estudo da língua em ação. Encontrando-se entre o pensamento e o mundo real, a língua se torna um meio da atitude humana em relação aos objetos.

Toda a atividade prática do homem, inclusive a lingüística, é consciente e orientada para atingir certos objetivos. A representação do mundo pela consciência humana pressupõe uma atividade lingüística variada que, entre outras, inclui a função cognitiva da linguagem mas não se limita a esta.

Todos os enunciados são feitos para atingir determinados objetivos. Portanto, estudar o significado lingüístico dentro do contexto da atividade humana é analisá-lo de acordo estes objetivos. Isto não quer dizer que os objetivos (e os significados) se relacionam apenas com as necessidades individuais, subjetivas (como se dá no pragmatismo). Todos os objetivos pessoais, de acordo com a doutrina filosófica marxista, são condicionados pelas coisas reais do mundo real.

Uma sentença que, à primeira vista apenas constata algum fato, na verdade, também cumpre outras tarefas, mais complexas. O que, na sentença, se refere ao estado das coisas no mundo é tratado como um dos seus significados: o semântico. Mas numa sentença existe também o significado do sujeito, que é aquilo que, à diferença do significado semântico, o leva (ao sujeito) a um determinado objetivo. Isto é o resultado da atitude

prática do sujeito em relação ao fato que é o componente do significado semântico da sentença. Este significado semântico não tolera nem sofre nenhuma alteração, visto que representa as coisas do mundo real, enquanto o significado do sujeito pode servir aos objetivos diferentes.

Assim, o estudo da língua em ação pode ser útil para a teoria do significado quando parte do princípio de que a semântica tem uma base objetiva. Entretanto, esta base objetiva é insuficiente para caracterizar o significado lingüístico. A língua é também a língua de um sujeito, o *órgão* de sua ação e de seu relacionamento prático com o mundo e com outras pessoas. O fato de que o uso da linguagem é intencional indica que o significado lingüístico é relacionado, por um lado, com a realidade objetiva e com a estrutura da língua e, por outro lado, com a atividade do sujeito (esta posição é semelhante à de Wittgenstein de *Investigações*, para quem não são as palavras que significam, mas os homens através da língua).

Assim, o materialismo dialético considera três fatores para tratar o significado: a) a determinação externa do significado lingüístico; b) o sistema da língua, dentro do qual o significado funciona, e c) a consciência e a atividade direcionada do sujeito, para quem a língua é o meio de alcançar determinados objetivos.

A sentença é a unidade mínima que expressa o "interesse" do pensamento em alguma direção, que, em última instância, tem algum significado prático. A sentença é a forma lingüística do movimento do pensamento em direção ao significado do objeto para o homem. Mas a prioridade do significado da sentença não subestima o papel cognitivo do significado lexical, não o reduz ao papel simplesmente funcional (como, por exemplo, em Church). Nesta concepção, as palavras são subordinadas à estratégia geral da sentença, desempenham um papel na sua construção e, de maneira mediata, através da sentença, são relacionadas com o mundo de objetos.

Outros estudiosos, desenvolvendo coerentemente os postulados do materialismo dialético, consideram o texto e não a sentença como a unidade real da comunicação verbal. A modelação da situação de fala começa, na lingüística soviética, com os trabalhos pioneiros de L.P.Jakubinskij (1923) e M.M.Bakhtin (1930, 1979). É no nível do texto que se realiza a estratégia da enunciação e acontece a interação entre a linguagem e o pensamento. É no texto também que se realiza a intenção do falante.

Assim, as bases do significado são lançadas pelo pensamento e o próprio significado é realizado no processo da fala (e não apenas da fala externa). Nem o mundo das coisas, nem suas propriedades e relações que

determinam a semântica da língua, nem as propriedades construtivas da língua que permitem o funcionamento do sistema lingüístico: nada disso é suficiente para explicar o mecanismo da gênese do significado. Apenas dentro da atividade humana esses fatores realizam sua capacidade de gerar o significado: a gênese do significado lingüístico, portanto, deve ser procurada na atitude prática do sujeito em relação às coisas no mundo. O significado é antes de mais nada o significado para o homem. As coisas têm apenas propriedades e qualidades e adquirem seus significados só entrando na atividade humana e de acordo com o interesse do homem em relação a elas. O significado lingüístico é, assim, o meio do homem descobrir, na base das relações reais, o significado da coisa para ele próprio, ou seja, o significado expressa a atitude humana em relação ao estado objetivo das coisas. Esta característica do significado confirma mais uma vez a unidade dos processos lingüístico e mental. A linguagem surge junto com a atividade mental do sujeito. Bem de acordo com os postulados fundamentais do materialismo dialético, é somente no processo da atividade humana consciente e direcionada para um determinado objetivo que o homem passa do mundo das coisas reais ao mundo das entidades ideais.

A ênfase sobre a característica *atividade* da comunicação verbal e, com isto, sobre a relação genética e funcional entre a linguagem e a atividade se tornaram um princípio necessário da metodologia da pesquisa lingüística. Dentro desta perspectiva, na lingüística teórica soviética surge a *gramática funcional* que trabalha com o conceito básico de campo funcional e através dele capta e define as categorias funcionais e as gramaticais. Os mesmos princípios aplicados às pesquisas psico e neurolingüísticas permitem a Leontiev desenvolver as ideias de Vygotsky e Luria e criar sua teoria da atividade verbal e da gênese da fala, onde os signos lingüísticos representam um sistema dinâmico funcional formado através do processamento da experiência verbal e organizado para o uso ótimo tanto na "fala para si mesmo" como na "fala para os outros". Enfim, é sobre a mesma base que funciona toda a pesquisa soviética na área de *inteligência artificial*, orientada para a construção de modelos (mais) globais da organização do conhecimento e do comportamento verbal. Estes modelos tratam a experiência e o conhecimento lingüísticos como atividade humana. Aqui surgem os modelos do tipo *frame* e do tipo *script*, baseados nas estruturas cognitivas chamadas *esquemas* que são representações das estruturas estáveis de experiências ou situações passadas.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar o conceito do significado lingüístico dentro da concepção marxista da linguagem.

O materialismo dialético concebe a linguagem como uma das formas da atividade humana. A linguagem se relaciona intimamente com as outras formas desta atividade e, além disso, tem a propriedade de poder organizá-las.

Dentro deste quadro, o significado lingüístico não pode se apresentar como uma "imagem" estática dos objetos e fenômenos do mundo. O significado entende-se como determinado não apenas pela realidade objetiva mas também pela atividade cognitiva do sujeito direcionada para alcançar diversos objetivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. M. Konstruktsija vyskazyvaniya (A construção do enunciado). *Literaturnaja učeba*, n 3, 1930.
- _____. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1979.
- CHURCH, L. *Language and the discovery of reality*. New York: 1961.
- ILJENKOV, E. V. *Dialektičeskaja logika* (Lógica dialética). Moskva: 1984.
- JAKUBINSKIJ, L.P. *O dialogičeskoj reči* (Sobre a fala dialógica). In: Russkaja rec, vol. I. Petrograd, 1923.
- Kondratov, A. M. *Znaki i znaki* (Os sons e os signos). Moskva: 1966.
- LEONTIEV, A.A. *Jazyk i razum čeloveka* (A linguagem e a mente humana). Moskva: 1966.
- _____. *Dejatelnost, soznanije, ličnost*. (Atividade, consciência, personalidade). Moskva: 1977.
- _____. *Vosprijatie teksta kak psixologičeskij protsess*. (A percepção do texto como processo psicológico). In: *Psixologičeskaja i linvističeskaja priroda teksta*. (A natureza psicológica e lingüística do texto) Kiev: 1979, p.18-30.
- PRAVDIN, M. *Logika i grammatica*. Moskva, 1973.
- REZNIKOV, L.O. *Dialektičeskij materializm i neopositivism ob otnosenii jazyka k dejstvitenosti* (O materialismo dialético e o neopositivismo sobre a relação entre a língua e a realidade). In: *Filosofia marksizma i neopositivism*. Moskva: 1963.
- SOKOLOV, A. N. *Vnutrennaja reč i myšlenie* (A fala interna e o pensamento). Moskva: 1968.
- STEPANOV, Yu. S. *Osnovy obščego jazykoznanija* (Fundamentos da lingüística geral). Moskva: 1975.
- ŠMELEV, A.G. *Vvedenie v eksperimentalnuju psixosemantiku*. (Introdução à psicosemântica experimental). Moskva, 1983.
- VOLKOV, A.G. *Jazyk kak sistema znakov* (A Língua como sistema de signos). Moskva: 1966.
- VOSTOKOV, B.I. *O značenii slova* (Sobre o significado lexical). In: *Problema znaka i značeniya*. Moskva: 1969.
- VIYGOTSKIY, L.S. *A formação social da mente*. 1 ed. bras., São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- _____. *Pensamento e linguagem*, 2 ed. bras., São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- WITTGENSTEIN, L. *Tractatus Logico-Philosophicus*. London: 1992.
- _____. *Philosophical investigations*. Oxford: 1967.